

periféria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia***Praça Roosevelt: sociabilidade e conflitos em um pedaço skatista da cidade de São Paulo***Giancarlo Marques Carraro Machado - Universidade de São Paulo (USP)¹**Resumo**

O objetivo deste artigo é analisar a prática do skate na Praça Roosevelt, espaço público situado na região central da cidade de São Paulo (Brasil). Os skatistas ocupam tal local desde o final da década de 1980, no entanto, com a sua revitalização em 2012, essa ocupação se intensificou e fez com que ela se tornasse um *pedaço* para cidadãos provenientes de todas as regiões da cidade. Apesar de ser um espaço de sociabilidade notadamente reconhecido, o *pedaço* dos skatistas tem a sua permanência sob constante suspeita. Em razão disso, pretende-se problematizar não só as apropriações da praça, mas também, os conflitos decorrentes das mesmas. Ao levar em conta a atuação de múltiplos agentes e instituições, vislumbra-se, com efeito, não tratar o *pedaço* dos skatistas como um território consolidado na paisagem urbana, mas, ao contrário, evidenciar as negociações e a dinâmica relacional que o mantém provisoriamente enquanto tal.

Palavras-chave: Skate; apropriações urbanas; espaços urbanos; Antropologia Urbana; São Paulo.

Abstract

This article aims to analyze the practice of skateboarding at Roosevelt Square, a public space located in the central area of São Paulo (Brazil). The skateboarders occupy that place since the end of 1980s, however, with its revitalization in 2012, this occupation has intensified and caused it to become a *pedaço* for people from all parts of the city. Despite being a space of sociability notably recognized, the *pedaço* of skateboarders has kept under constant suspicion. Therefore, it is intend to problematize not only the appropriation of the square, but also the conflicts. Considering the actions of multiple agents and institutions, the objective is not to treat the *pedaço* of skateboarders as a consolidated territory in the urban landscape, but, in the other hand, evidence the negotiations and relational dynamics that keeps provisionally as such.

Keywords: Skateboarding; urban appropriations; urban spaces, Urban Anthropology, São Paulo.

¹ Doutorando em Antropologia Social (PPGAS/USP), sob a orientação do Prof. Dr. José Guilherme C. Magnani. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo 2012/23331-0). Membro do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/USP) e do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (LUDENS/USP). Contato: gmachado@usp.br.

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia**Introdução**

Apesar da existência de dezenas de pistas de skate na cidade de São Paulo (Brasil) – espaços considerados apropriados para a utilização do skate –, a maioria dos skatistas confere demasiada importância à prática realizada nas ruas, onde, segundo muitos deles, se “anda de skate de verdade”. Conforme constatado etnograficamente, o que lhes atraiem nas ruas é a possibilidade de encontrar diferentes tipos de *picos*, ou seja, equipamentos urbanos (bancos, corrimãos, escadas, canteiros, etc.) que se tornam obstáculos para as suas manobras. Isso demonstra, como bem observado por De Certeau (2009: 233), que “as maneiras de utilizar o espaço fogem à planificação urbanística”.

Os skatistas, em suas condições de cidadãos (Joseph 2005), podem ser vistos como sujeitos de mobilidade que fazem do espaço público uma espécie de “jornal”, por onde circulam, observam e, conseqüentemente, fazem as suas respectivas leituras. Desse modo, tais cidadãos dão novos significados aos espaços urbanos a partir de suas próprias experiências e, por meio das formas de sociabilidade que criam, contribuem para “fazer a própria cidade”, sendo essa não definida *a priori*, tampouco considerada como uma coisa, mas uma cidade vivida, sentida e em processo (Agier 2011).

Partindo dessas considerações, o objetivo deste artigo é apresentar algumas questões em torno da prática do skate na Praça Roosevelt, tendo como ponto de partida o trabalho de campo lá realizado ao longo do ano 2013. A escolha desse espaço da cidade de São Paulo não se deu por acaso. As minhas constantes idas à praça se efetivaram a partir do convite dos próprios interlocutores da pesquisa de doutorado ora em curso, os quais a frequentam em diferentes dias e horários e com motivações que vão muito além do mero exercício de uma prática esportiva.

Os skatistas ocupam tal local desde o final da década de 1980, no entanto, com a sua revitalização em 2012, essa ocupação se intensificou e fez com que a praça se tornasse um *pedaço* (Magnani 2000) para cidadãos provenientes de todas as regiões da cidade. Apesar de ser um espaço de sociabilidade notadamente reconhecido, o *pedaço* dos skatistas tem a sua permanência sob constante

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

suspeita. Em razão disso, ao longo do texto pretendo analisar as apropriações da Praça Roosevelt a partir da prática do skate, bem como os conflitos decorrentes da mesma. Ao levar em conta a atuação de múltiplos agentes e instituições, vislumbra-se, com efeito, não tratar o *pedaço* dos skatistas como um território consolidado na paisagem urbana, mas, ao contrário, evidenciar as negociações e a dinâmica relacional que o mantém provisoriamente enquanto tal.

A prática do skate em um espaço degradado

Praça Roosevelt, solo sagrado do *street skate* paulistano. Localizada no centro da cidade, a praça sempre foi alvo de críticas por parte de arquitetos, paisagistas e até da mídia, pelo fato do seu projeto priorizar o concreto no lugar do verde. O inferno de uns pode ser o paraíso de outros: o condenado excesso de concreto atraiu um grupo de frequentadores que, nos anos 80, fez uma utilização diferente das paredes alaranjadas e inclinadas (Viegas, Marcelo. "Nova Roosevelt". Revista CemporcentoSkate, 2013, n. 47, ano 18).

Situada na região central de São Paulo, entre as ruas da Consolação e Augusta, a Praça Franklin Delano Roosevelt – ou, simplesmente, Praça Roosevelt – começou a ser construída no final década de 1960, tendo sido inaugurada anos mais tarde, em 25 de janeiro de 1970, durante a administração do então prefeito Paulo Salim Maluf (1969-1971) e em meio ao governo militar de Emílio Médici. A construção da imponente praça, além de promover a estratégica visibilidade das ações dos militares que estavam no poder, teve como uma de suas principais funções o preenchimento da área sobeja do sistema viário da ligação Leste-Oeste da cidade. Entretanto, tal empreendimento não logrou excessivo êxito, pois, ao ser erguido em formato de um pentágono, alterou as formas de sociabilidade então consolidadas em um local que era marcado pela efervescência cultural. Até meados da década de 1960 havia muitos bares e restaurantes no espaço em que a praça fora construída, por onde passaram renomados artistas e cantores da música popular brasileira. Segundo Palma (2010: 129), tudo isso proporcionou:

(...) uma aura romântica nas narrativas relacionadas à Praça Roosevelt no

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

período anterior ao da construção da estrutura de concreto. Essas narrativas dão consistência a uma memória sobre o lugar que reverbera posteriormente e serve como elemento contrastante na elaboração dos discursos sobre a degradação a partir do final dos anos 70.

Devido a uma série de controvérsias surgidas após a sua inauguração, a Praça Roosevelt sofreu severas críticas por parte de diversos setores da população. Uma delas direcionava-se aos equipamentos que compunham o local, os quais desencorajavam certos tipos de apropriações cotidianas. Com muito concreto e pouco verde, a praça passou a ser considerada um mero espaço de passagem, já que não propiciava encontros e aglomerações, tal como antes. Deste modo, em razão de diversas características arquitetônicas a ela associadas, a Praça Roosevelt tornou-se uma espécie de obstáculo urbano. No decorrer dos anos ela foi rejeitada por muitas pessoas, não tendo recebido também a condigna atenção e investimento dos poderes públicos, o que culminou, com efeito, em sua degradação e em ocupações “indesejáveis” de usuários de drogas, moradores de rua, traficantes e prostitutas. Apesar de ter tido algumas eventuais intervenções ao longo do tempo, a praça não cumpriu a sua meta de buscar “uma conexão com a cidade a partir do ideário funcionalista de atendimento a um programa de necessidades” (Yamashita 2013: 61).

Embora as representações negativas criadas em torno da Praça Roosevelt, ao menos alguns cidadãos se beneficiaram do amplo espaço de concreto que se estabelecera no Centro de São Paulo: os skatistas. Em decorrência do fechamento e da má conservação das poucas pistas de skate existentes na cidade até o começo da década de 1990, muitos skatistas encontraram na Praça Roosevelt equipamentos urbanos que se tornaram obstáculos adequados para a realização de suas manobras. Tais equipamentos foram chamados de *picos* e, malgrado não tenham sido construídos para a prática do skate, foram apropriados de um modo diferente do usual e revelaram usos que não eram esperados por aqueles que os planejaram. Desta maneira, segundo a perspectiva de certos praticantes, um corrimão não servia somente para dar segurança a quem utilizava uma escada, mas também, para ser deslizado com o skate. A escada, por sua vez, não era

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

apenas para se passar de um nível ao outro, mas para ser pulada. Já os bancos, para além de simples assentos, constituíam obstáculos para testar as habilidades técnicas. Os exemplos se estendiam às rampas, às bordas, às placas de trânsito, etc. Sendo assim, conforme a citação que abre este tópico, a praça que para uns era um “inferno”, para outros era reputada como um “paraíso”, um espaço que, ainda que degradado, podia ser apropriado por meio do exercício de uma prática esportiva.



Obstáculos (*picos*) construídos ou reformados pelos próprios skatistas na antiga Praça Roosevelt. Ano: 2010. (foto: Giancarlo Machado)

A Praça Roosevelt oferecia múltiplas oportunidades aos skatistas, que faziam dela um local privilegiado não só para o uso do skate, mas também, para a constituição de formas de sociabilidade. Várias revistas e vídeos especializados retrataram o cotidiano da prática nesse espaço. Para a revista *Veja*, a Praça Roosevelt era um “monstrengo arquitetônico”². Já para a revista *CemporcentoSkate*, ao contrário, o mesmo local foi considerado o “solo sagrado do *street skate* paulistano”³. De meados da década de 1980 até o começo da década seguinte, a praça foi intensamente ocupada pelos skatistas, mas, nos anos posteriores, ela perdeu parte de sua importância devido à revitalização de outro espaço do Centro: o Vale do Anhangabaú. A frequência se tornou regular em tal local, todavia, os skatistas

² “Estilos e gestos”. Revista *Veja*. Edição publicada em 14 de novembro de 1985.

³ “Nova Roosevelt”. Revista *CemporcentoSkate*, n. 47, ano 18.

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

nunca deixaram de utilizar a Praça Roosevelt, mesmo que isso ocorresse de forma eventual. Várias gerações de praticantes tiveram a oportunidade de se apropriar daquela imensidão de concreto, atribuindo uma multiplicidade de sentidos aos seus equipamentos. É o caso de Rodrigo Teixeira, vedete consagrada da modalidade *street skate*. Apesar de atualmente residir nos EUA, esse skatista era frequentador assíduo da praça, tendo contribuído para propagar a imagem de seus *picos* em âmbito nacional e mundial por meio de diversas fotos e vídeos lá produzidos.



Skatistas utilizam obstáculos improvisados na Praça Roosevelt antes da sua reforma. Ano: 2010. (foto: Giancarlo Machado)

A despeito de sua crescente degradação ao longo dos anos, a Praça Roosevelt recebeu atenção especial de cidadãos envolvidos com outros tipos de práticas – como o teatro, por exemplo –, que a ocuparam espontaneamente. Os skatistas também tentaram reforçar a sua ocupação regular, de modo a torná-la menos inóspita, e, para isso, construíram e reformaram variados obstáculos. Essa iniciativa se consolidou em 2008 e foi amplamente difundida no universo do skate, sobretudo pela mídia especializada. Acompanhei algumas sessões na praça ao longo do ano 2009, conforme descrito em outra publicação (Machado 2014), e, em tais ocasiões, comprovei o estado de sua destruição: havia muita sujeira, forte odor e diversos

periféria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

equipamentos danificados. Além disso, nas vezes em que lá estive encontrei pouquíssimas pessoas circulando pelo local. O abandono, principalmente em sua parte superior, só não era maior por conta da presença de skatistas, de usuários de drogas e de estudantes de uma escola pública localizada nas imediações.

No fim da última década, a Praça Roosevelt tornou-se alvo de muitos embates. A promessa de transformação de todo o seu espaço ganhou força e apoios de políticos e da iniciativa privada. Para contemplar os interesses de múltiplos agentes e instituições, em 2010 foi anunciada uma ampla reforma, de modo que alteraria consideravelmente a sua arquitetura tão polêmica. Diante tal situação, vários skatistas chegaram a cogitar o fim de diversos *picos* tradicionais da cidade de São Paulo, inclusive, daqueles que eles próprios tinham construídos⁴. Mas, para a surpresa de muitos deles, não foi isso o que ocorreu.

A nova Praça Roosevelt: palco de encontros e manobras

A Praça Roosevelt foi reinaugurada em 29 de setembro de 2012, após dois anos de intensas reformas. Orçada em R\$55 milhões, a sua nova arquitetura pouco lembra o amplo pentágono que antes a configurava. Com 25 mil metros quadrados de área, a praça recebeu muitos equipamentos e espaços inéditos – jardins, banheiros, bebedouros, luminárias, “cachorrodrómo” (espaço para cachorros), playground, guarita para a Guarda Civil Metropolitana (GCM), base para a Polícia Militar, etc. –, tornando-a cotidianamente ocupada por um considerável número de cidadãos. Seja para jogar bola, andar de bicicleta, beber cerveja, vender artesanatos, treinar malabares, tocar violão, fazer rimas improvisadas, ou, simplesmente, para ficar à toa, a Praça Roosevelt ganhou visibilidade por ter deixado a sua alcunha de degradada e ter se convertido no mais novo espaço público de lazer da região central de São Paulo. Tal local atualmente é uma referência na cidade, e, em razão de sua imponência e extensão, permite a circulação de pessoas de várias procedências sem que necessariamente haja o estabelecimento de laços mais estreitos entre elas. Nesse sentido, partindo da perspectiva de Magnani (2012), a

⁴ Em outra publicação de minha autoria (Machado 2014), é possível ver alguns relatos etnográficos sobre a prática do skate feita na Praça Roosevelt na época em que ela era considerada “degradada”.

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

Praça Roosevelt pode ser considerada uma *mancha* de lazer, sendo que, no âmbito da mesma, muitas práticas e atividades eventualmente competem ou se articulam para se apropriarem de um espaço público que faz parte da *paisagem urbana* paulistana⁵.



Prática do skate e sociabilidade entre skatistas na nova Praça Roosevelt. Ano: 2013. (foto: Giancarlo Machado)

Com a sua reforma, os *picos* de skate que antes existiam foram demolidos, contudo, superando a expectativa dos próprios interlocutores da pesquisa, inúmeros outros surgiram. Além do chão liso de concreto acabado (o que facilita a locomoção com o skate), a Praça Roosevelt possui bancos de madeira, bordas de concreto, escadas, corrimãos de vários tamanhos e rampas. Todos esses obstáculos tornaram-se cobiçados pelos skatistas, que encontraram na praça um espaço tão agradável quanto aqueles disponíveis em determinadas pistas de skate situadas nas regiões periféricas da metrópole. As revistas especializadas destacaram tal fato:

A Nova Roosevelt tornou-se, em tempo recorde, destino obrigatório para os skatistas. Não apenas aqueles que desejam deixar sua assinatura em manobras icônicas, mas também a mãe que quer ensinar as primeiras batidas para o filho,

⁵ Para Magnani (2012: 252), "a paisagem urbana é o resultado dessas práticas e das intervenções ou modificações impostas pelos mais diferentes atores (poder público, corporações privadas, associações, grupos de pressão, moradores, visitantes, equipamentos, rede viária, mobiliário urbano, eventos etc.) em sua complexa rede de trocas".

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

o advogado que deseja aliviar o stress da semana passeando com seu long ou o iniciante que chega às nove da manhã, almoça tubaína e pão com mortadela, fica até anoitecer e aprende no mínimo três manobras por dia (Viegas, Marcelo. "Nova Roosevelt". Revista CemporcentoSkate, 2013, n. 47, ano 18).

Ao longo do ano 2013, fui à Praça Roosevelt por diversas vezes e, por meio dessas idas, constatei a presença de praticantes em todos os dias e horários possíveis, inclusive de madrugada. Por se situar em uma região de fácil acesso, a praça logo se constituiu como um ponto de encontro para skatistas provenientes de distintas partes da cidade (bem como de fora dela), deslocando a importância que o Vale do Anhangabaú tinha adquirido em relação a esse aspecto⁶. O relato etnográfico a seguir demonstra, de modo resumido, algumas considerações sobre a dinâmica relacional e as apropriações que se estabelecem a partir da prática do skate na Praça Roosevelt.

A praça (também) é do skate

Ao acessar o site da revista CemporcentoSkate⁷, pude me informar do acontecimento de uma sessão especial de skate na Praça Roosevelt, prevista para ser realizada no dia 14 de novembro de 2013. Na ocasião, além da distribuição de brindes para os presentes, aconteceria também a exibição do mais novo vídeo de Guilherme "Trakinas", skatista amador da cidade de Curitiba.

O evento ocorreria na véspera de um feriado e, por conta disso, a expectativa era de que a Praça Roosevelt fosse ocupada não só por skatistas de São Paulo, mas também de outras cidades e Estados. Cheguei ao local às 17 horas, momento em que a sessão se iniciou. Dezenas de skatistas já estavam presentes no espaço da praça que fica de frente para a Rua da Consolação, onde havia vários *picos* disponíveis, como bancos, muretas, escadas, corrimãos, além de uma pequena rampa de ferro. Apesar dessa diversidade de obstáculos, apenas os bancos estavam sendo utilizados e disputados pelos praticantes. A maioria dos skatistas queria fazer

⁶ O Vale do Anhangabaú, até antes da revitalização da Praça Roosevelt, podia ser considerado o *pedaço* (Magnani 2012) skatista na cidade de São Paulo.

⁷ Vide www.cemporcentoskate.com.br.

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

alguma manobra nos mesmos, o que exigia demasiada agilidade e cautela para não haver choques entre eles.

Subi as escadas e logo encontrei Caetano Oliveira (videomaker do site Black Media), que vendia algumas camisetas que tinha fabricado, e André "Hiena" (skatista profissional e empresário), que somente observava a *sessão* nos bancos. Após tantas visitas à Praça Roosevelt, eu já tinha me acostumado com a presença regular de alguns frequentadores, todavia, no dia em questão, havia muitas caras novas, ou seja, skatistas que cotidianamente não frequentam o local, mas, que estavam ali apenas para participar do evento.

Fotógrafos e videomakers participavam da *sessão*, registrando todas as manobras e acontecimentos possíveis. Com a presença de câmeras fotográficas e filmadoras, os skatistas, cientes da possibilidade de aparecer na mídia especializada, arriscavam manobras que normalmente não faziam. Com efeito, o nível técnico daquela *sessão* estava, segundo os próprios interlocutores, "muito puxado", isto é, manobras consideradas difíceis estavam sendo concluídas com facilidade nos obstáculos.

Murilo Romão andava freneticamente pelo espaço da praça, tendo utilizado um obstáculo pouco explorado: a parede. O pequeno "Zequinha", um dos caçulas daquela ocasião, buscava a atenção dos skatistas profissionais e pedia dicas de manobras para os mesmos. Após um tempo, alguns praticantes começaram a pular as escadas e a deslizar nos corrimãos. Tais obstáculos não são utilizados de forma corriqueira, visto que oferecem maiores riscos ao corpo. Por conta disso, a realização de manobras neles muitas vezes acontece em ocasiões especiais ou quando há fotógrafos ou videomakers dispostos a fazer imagens da ação.

Tiago Antunes, skatista amador da cidade de Belo Horizonte, era um dos presentes na Praça Roosevelt. Ele me disse que estava em São Paulo para tentar o visto de entrada nos EUA. Caso conseguisse, o seu objetivo era ir para a cidade de Tampa, situada no Estado da Flórida (EUA), onde ocorreria o campeonato amador mais importante do mundo. Ele pediu apoio à prefeitura de sua cidade, a qual possivelmente arcaria com os custos da viagem. Tiago estava hospedado em Santo André e, mesmo assim, resolveu comparecer ao evento para andar de skate e

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

encontrar amigos residentes na capital paulista.

A sessão ocorria normalmente quando, de repente, apareceu o anfitrião do dia. Guilherme “Trakinas” chegou ao local acompanhado de seus amigos da *crew* Tropicalientes⁸. Cabeludos, barbudos, tatuados, calças justas e óculos escuros. Os skatistas dessa *crew*, a qual é proveniente de Curitiba, se destacaram no espaço e tornaram-se alvo de olhares por parte dos demais. Consigo trouxeram vários equipamentos, como caixas de som, projetor, gerador, câmeras, materiais promocionais, dentre outras coisas. O evento improvisado começou a ficar mais animado.

Havia skatistas de diferentes categorias: desde algumas crianças, que iniciaram a prática há pouco tempo, até aqueles mais velhos, profissionais de longa data, como é o caso de Fabio Castilho, Ragueb Rogerio, Marcelo “Formiguinha”, Fabiano Rodrigues, etc. Esses últimos não encaram o skate apenas como uma diversão, mas como um trabalho. As manobras, que tinham como alvo os bancos, aos poucos foram sendo transferidas para as escadas e corrimãos. Com isso, apenas os skatistas com considerável nível técnico estavam dispostos a encarar tais obstáculos. Uma aglomeração foi formada para acompanhar um show de manobras que comumente não são vistas no cotidiano da prática do skate na Praça Roosevelt.

A plateia em torno dos obstáculos começou a vibrar com cada manobra realizada com êxito. Aplausos, gritos e assovios marcavam o momento. Aqueles que apenas assistiam, aproveitavam a ocasião para estabelecer e ampliar as suas respectivas redes de sociabilidade. Conversavam, namoravam, tomavam cerveja enquanto assistiam a uma animada sessão de skate com alguns dos melhores praticantes da cidade. Guilherme “Trakinas” trouxe inúmeros brindes doados pelas marcas que o patrocinava. Em seguida, pegou um megafone e anunciou que aqueles que acertassem manobras tidas como difíceis, seriam agraciados com presentes como camisetas, *shapes*, *trucks*⁹, revistas, adesivos, bonés, etc. A partir desse instante, os participantes tentaram demonstrar o melhor de suas habilidades em cima do

⁸ *Crew* é uma forma de associação constituída por aqueles que se consideram amigos e que estão sempre juntos, seja andando de skate ou participando de outras atividades.

⁹ *Truck* é o eixo de metal do skate.

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

skate. A maioria se arriscava nas escadas, ao passo que os mais corajosos encaravam o corrimão.

A plateia não era formada apenas por skatistas: trabalhadores do entorno, idosos, pais com crianças, dentre outros cidadãos estavam curiosos para entender que tipo de ocupação era aquela que ocorria na Praça Roosevelt. O evento estava sendo feito de forma espontânea, portanto, não havia cuidado em demarcar uma área específica para a prática do skate. Aquelas pessoas que não sabiam do ocorrido e que resolviam passar pelas imediações, quase eram atropeladas pelos skates. Não observei nenhum incidente, mas, caso houvesse, certamente machucaria os envolvidos.

Guilherme “Trakinas”, o anfitrião da ocasião, resolveu andar de skate. Ao lado do amigo Filipe Ortiz, um dos grandes nomes do *street skate* brasileiro, “marretou” o corrimão com manobras complicadas¹⁰, as quais foram aplaudidas pelos presentes. Um rapaz de patinete compareceu sozinho ao espaço. Inicialmente cogitei a possibilidade da sua presença não ser bem vista, já que os skatistas nem sempre se relacionam com adeptos de outras práticas feitas nos espaços urbanos, como é o caso dos patins e do bmx. O praticante do patinete, que é francês, mesmo um pouco acanhado, conseguiu fazer manobras nas escadas, sendo aplaudido pela sua competência.

A sessão ocorria em clima de descontração. Após tantas manobras nas escadas e corrimãos, os brindes se esgotaram. Já estava de noite quando “Trakinas” anunciou que a exibição do vídeo estava prestes a iniciar. Os seus amigos começaram a montar um projetor de frente para uma parede, onde seriam exibidas as imagens. A sessão voltou a ficar intensa nos bancos, que mais uma vez tornaram-se alvos dos praticantes. Enquanto isso ocorria, observei uma movimentação estranha. Rodrigo de Andrade, interlocutor da pesquisa, discutia com outro skatista por um motivo que não identifiquei. Após ameaças mútuas, a confusão aumentou e Rodrigo desferiu socos no rosto daquele que se tornou um oponente, o qual saiu do local com muita raiva, batendo o seu skate no chão. Quando os ânimos se acalmaram, o

¹⁰ “Marretar” é uma expressão nativa que designa a conclusão de manobras que exigem demasiado nível técnico do skatista.

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

interlocutor me relatou o motivo da briga. Segundo ele, o agredido era muito “folgado” por não respeitar códigos básicos vigentes em qualquer sessão de skate: é preciso denotar humildade e ter respeito com os demais praticantes. Ao realizar uma manobra, tal skatista atropelou uma criança que estava no local, que chorou muito. Em vez de acudi-la ou ao menos ter pedido desculpas, ele deu às costas e continuou andando de skate. Rodrigo viu a situação e resolveu tomar partido. Por não gostar da atitude do outro skatista, que retrucou grosseiramente à bronca recebida, ele fez algo que não queria, ou seja, a agressão. Esse fato demonstra, pois, que a Praça Roosevelt, embora seja marcada pela sociabilidade, também é palco de conflitos que envolvem os próprios skatistas.

Estava tudo pronto para a *première* que ocorreria de forma improvisada. As imagens de Guilherme “Trakinas” foram captadas em vários *picos* encontrados nas ruas de múltiplas cidades. Além de demonstrarem o seu nível técnico, elas apresentaram um pouco de seu estilo de vida marcado pelo consumo de bebidas alcoólicas, além de confusões vivenciadas em companhia de seus amigos da *crew* Tropicalientes. Esses atos são apreciados no universo do skate por evidenciarem um lado subversivo da prática, que não se sujeita à disciplina, aos treinamentos, a competições e regras, tais como encontradas no âmbito de outros esportes.

Não havia lugar melhor de São Paulo para promover o vídeo de um skatista, o qual fora filmado durante vários meses para se transformar em um trabalho de pouco mais de sete minutos. Dezenas de skatistas se reuniram ao redor da projeção para assisti-lo. Após o término do curto vídeo, todos cumprimentaram Guilherme “Trakinas”, o protagonista daquele encontro. Por volta das 22 horas, fui embora, ao passo que vários interlocutores optaram em ficar mais um pouco na Praça Roosevelt para aproveitar daquela noite de muita sociabilidade, conflitos e excessos.

O pedaço dos skatistas

O relato etnográfico apresentado demonstrou apenas alguns aspectos em torno das

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

sessões de skate que diariamente acontecem na Praça Roosevelt. Apesar de não dar conta de tantas situações ocorridas de forma simultânea, a descrição tentou evidenciar, a partir de um olhar *de perto e de dentro*, certos comportamentos, “não de indivíduos atomizados, mas de múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos” (Magnani 2002: 17).

Além de andarem de skate na Praça Roosevelt, os skatistas têm a chance de circular por múltiplos espaços do Centro e de encontrar outras pessoas que possuem preferência por essa mesma prática. Através das formas de sociabilidade estabelecidas, eles compartilham diversos tipos de experiências, as quais propiciam a apreensão de novos códigos e a atualização de informações ligadas ao universo do skate. Nesse sentido, a Praça Roosevelt, apesar de se constituir como uma *mancha* de lazer para um público mais amplo, também se configura como um *pedaço* dos skatistas na metrópole. O termo *pedaço*, em seu sentido antropológico, é definido “quando o espaço – ou segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações” (Magnani 2000: 32). Neste *pedaço*, as relações se dão com base em gostos e em práticas comuns por parte daqueles que ali estão, e também, pelo cumprimento de certas normas e etiquetas. Com isso, os skatistas demarcam a diferença; constroem e afirmam regras de convívio e de identificação; reforçam laços de confiança, respeito e amizade; além de estabelecerem fronteiras simbólicas e espaciais com outros cidadãos.

O espaço público não é um espaço de produção de universais, mas, ao contrário, “um espaço de hibridação e de excentramento do qual desconfiamos naturalmente” (Joseph 2005: 119). E por ser menos um espaço consensual, os intensos usos e apropriações dos equipamentos urbanos da Praça Roosevelt pelos skatistas têm incomodado muitos outros frequentadores, principalmente certos moradores do entorno. Várias reclamações eclodiram após a reinauguração da praça, e as principais delas diziam respeito ao perigo decorrente da prática do skate – a qual pode resultar no atropelamento de crianças e idosos que circulam pelo local –, e ao barulho provocado pela mesma, sobretudo no período noturno. Além do grupo

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

articulado por moradores, a Associação Ação Local Roosevelt também se posicionou contrária à prática do skate e, em razão disso, entrou em contato com a prefeitura para tentar restringir, ou, até mesmo impedir, que ela continuasse ocorrendo na Praça Roosevelt.

O descontentamento de moradores do entorno, o posicionamento da Associação Ação Local Roosevelt e a atuação de agentes do poder público não foram suficientes para disciplinar a prática do skate na praça. O local continuou a ser ocupado pelos skatistas de maneira desregrada. Esse imbróglio permaneceu sem ser resolvido, tendo sido agravado a partir de uma situação específica que envolveu a participação de outros agentes: os guardas civis municipais. Deste modo, os dissabores causados pela prática do skate culminaram um conflito de grande polêmica, conforme se verá a seguir.

Conflitos na Praça Roosevelt

Conforme ficou claro até aqui, a Praça Roosevelt, após a sua reinauguração em 2012, tornou-se o principal ponto de encontro dos skatistas na cidade de São Paulo. Por conta disso, a sua intensa ocupação trouxe uma série de problemas para os equipamentos urbanos. A maioria foi rapidamente danificada: bancos quebrados, corrimãos trincados, caminhos para deficientes visuais retirados, etc. Com efeito, os skatistas passaram a ser taxados de vândalos por não zelarem pelo bem público recém-inaugurado.

Em uma tarde do mês de janeiro de 2013, vários jovens utilizavam um banco da praça como obstáculo, tal como comumente faziam. Ao notarem que a madeira do banco estava sendo estragada, alguns guardas municipais tentaram cessar a prática do skate. Os skatistas paravam momentaneamente, mas, quando os guardas saíam do local, eles voltavam a utilizar os bancos, como se nenhuma advertência tivesse sido proferida. Ao ver essa situação, um GCM à paisana se exaltou e resolveu tirar satisfação com os envolvidos. Um deles – que, inclusive, não andava de skate – questionou a forma grosseira da abordagem, gerando um

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

clima de tensão. Em meio a esse embate, o guarda enforcou rispidamente o skatista, mas, muitos outros o defenderam, tentando soltá-lo dos braços do agressor. Em decorrência disso, apareceram mais GCMs para intervir e, utilizando sprays de pimenta, dispersaram a aglomeração que começou a ser formada. Como alguns presentes portavam filmadoras no momento, foi possível filmar a ação truculenta que se estabeleceria.

As imagens filmadas foram publicadas na Internet no mesmo dia do ocorrido e rapidamente passaram a ser visualizadas por centenas de milhares de pessoas¹¹. Em razão da truculência dos guardas municipais, os envolvidos no episódio foram afastados temporariamente de suas funções, ao passo que o agressor, que estava à paisana, posteriormente foi demitido de seu emprego. A agressão ao skatista expôs um conflito pelos usos dos espaços urbanos que cotidianamente acontece na metrópole paulistana¹². De um lado, guardas municipais zelavam pelo uso oficial esperado para um banco de praça. De outro, skatistas ávidos por diversão faziam do equipamento um *pico* para as suas manobras. Tal fato foi intensamente divulgado em sites, jornais e revistas, logo, as apropriações da nova Praça Roosevelt, bem como os seus limites, tornaram-se uma polêmica que envolveu posicionamentos divergentes.

Rubens Reis, um dos arquitetos responsáveis pelo projeto de reforma da Praça Roosevelt, não se surpreendeu com a presença dos skatistas, os quais, segundo ele, “usaram a praça de forma mais dinâmica que a gente previa. E aí os conflitos começaram. Idosos e crianças não conseguem usar o local, sem falar na depredação. Os bancos de madeira não têm a função de obstáculos”¹³. Já Reinaldo Azevedo, colunista da revista *Veja*, atacou severamente os skatistas, acusando-os de “marmanjos de vida ganha” e de “idiotas mimados”. Em uma postagem em seu blog, ele fez a seguinte crítica:

¹¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ePZ1bGUdXtE>. Acesso em 20 de março de 2014.

¹² Ao buscar uma aproximação com os pressupostos de Duhau & Giglia (2004: 268), é possível afirmar que a prática do skate na Praça Roosevelt instaura, em certa medida, um “espaço disputado” – *espacio disputado* – que implica “la disputa endêmica entre distintos actores, los residentes y los no residentes, y la competencia entre los usos que habrá de darse al espacio bajo dominio privado y los usos y formas de aprovechamiento de los espacios públicos”.

¹³ Disponível em: “Uma praça para todos”. São Paulo, revista da Folha de SP, 2013.

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

(...) os skatistas privatizaram a praça, que é de todos, e estão usando de modo inadequado um equipamento urbano. Sim, estão depredando os bancos, que não foram planejados para tal atividade. Sim, estão pondo em risco a segurança dos não skatistas. Sim, estão impondo aos outros a sua vontade (...). Resolveram que a Praça Roosevelt, que pertence à comunidade, é propriedade de sua tribo (Azevedo, Reinaldo. "Fascistas de skate". Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/fascistas-de-skate/>. Acesso em 08/01/2014).

Para Azevedo, a solução para tal impasse é simples: basta proibir a prática do skate na praça. Certas posturas análogas já foram tentadas por agentes do poder público paulistano ao longo do tempo, no entanto, não tiveram efeito¹⁴. O skatista profissional Otavio Neto indignou-se com o colunista da revista Veja e, como forma de resposta, publicou em seu blog no portal do canal ESPN alguns comentários irônicos contra a postura do mesmo:

O pior é que estes mesmos "jornalistas" ainda estão no tempo do Jânio Quadros, achando que proibir o skate vai solucionar algum problema. Nunca li jornais dizendo que em final de campeonato de skate os torcedores se matam... Skate é um esporte que tira muitos jovens da violência e já mudou a vida de muita gente. Se for assim tem que proibir o futebol, que mata mais que ataque de tubarão! (Neto, Otavio. "O caso Roosevelt, pimenta nos olhos dos outros é refresco". Disponível em http://www.espn.com.br/post/302549_o-caso-roosevelt-pimenta-nos-olhos-dos-outros-e-refresco. Acesso em 08/01/2014).

A revista Tribo Skate fez uma matéria sobre o conflito e reconheceu que tanto os skatistas quanto os guardas municipais estavam errados em suas atitudes. Para não estimular certos dissabores, a matéria traz uma série de dicas que visam garantir a boa convivência entre os frequentadores da praça. E, para isso, orienta aos skatistas a não falarem palavrões, a terem cuidado com os pedestres, a

¹⁴ Vários agentes do poder público já tentaram proibir a prática do skate em diferentes cidades do Brasil. Em 1988, por exemplo, Jânio Quadros, então prefeito de São Paulo, proibiu essa prática em todas as ruas da cidade. Em 2009, o vereador Adolfo Quintas (PSDB) formulou um projeto de lei com essa mesma intenção.

periféria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

recolherem o lixo, a utilizarem a área destinada ao skate, a ficarem longe dos boxes de vidros e a não irem ao local no período da madrugada. A matéria ainda ressalta que:

Uma das leis da física que não perdoa ninguém diz que “toda ação gera uma reação”. Trazendo essa verdade para o skate, o lamentável ocorrido na Praça Roosevelt (ação) resultou em uma série de fatos (reação) que de alguma forma queimou o *pico*, todo o esforço das gerações que fizeram o skate chegar ao patamar que tem hoje e ainda fez com que aumentasse a repressão no local e a restrição ao skate. Infelizmente são poucos os skatistas “em início de carreira” que pensam nos demais e uma ação isolada de dois ou três prejudicou a nós de uma forma geral (Lemos, Junior. “Pra não queimar o *pico*”. Revista Tribo Skate, 2013, p.36).

O prefeito Fernando Haddad (PT) tinha assumido o seu mandato em uma data próxima ao acontecimento na Praça Roosevelt, portanto, a situação em voga demandou um posicionamento por parte de seu governo. Na gestão anterior, o então prefeito Gilberto Kassab (PSD) adotou posturas adversas a certos tipos de apropriações citadinas dos espaços urbanos. A gestão de Haddad, ao contrário, mostrou-se disponível a buscar soluções menos repressivas e, para isso, convocou uma reunião para tratar de assuntos pertinentes ao problema que se estabeleceu. A reunião foi comandada por Marcos Barreto (subprefeito da Sé), e na ocasião estiveram presentes representantes dos moradores, dos skatistas e da Guarda Civil Municipal (GCM).

Após a reunião foi realizada uma coletiva de imprensa para apresentar publicamente os acordos estabelecidos entre as diferentes frentes envolvidas com a utilização da Praça Roosevelt¹⁵. Jader Junior, presidente da Ação Local Roosevelt, ponderou que “não queremos expulsar ninguém. Queremos regras estabelecidas, lugares definidos, sinalizações instaladas”¹⁶. Já Lindamir Magalhães, inspetora da GCM, reiterou que os guardas continuarão admoestando os praticantes, caso a prática seja feita em local inadequado. O subprefeito Marcos Barreto anunciou que

¹⁵ A reunião foi realizada em 8 de janeiro de 2013.

¹⁶ Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/01/08/apos-confusao-na-praca-roosevelt-prefeitura-promete-area-especifica-para-skatistas.htm>. Acesso em 10/01/2014.

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

uma série de modificações seria efetuada na Praça Roosevelt, de modo que uma área fosse reservada para a prática do skate. Sendo assim, em vez de expulsar os skatistas do local, o consenso que se chegou foi de que eles deveriam permanecer, contudo, essa permanência estaria sujeita a regras.

A primeira medida adotada pela Subprefeitura da Sé, a partir do diálogo com demais agentes e instituições, foi a instalação de placas que indicam o local da Praça Roosevelt onde é permitido andar de skate. Além dessa medida educativa, firmou-se um acordo para que tal local ganhasse obstáculos específicos e resistentes para a prática. Não obstante, outra regra estabelecida dizia respeito ao horário para o uso de skates, cujo limite seria até as 22 horas.

A Confederação Brasileira de Skate (CBSk) ficou responsável por fazer uma campanha de conscientização entre os skatistas, de modo que respeitassem as regras estabelecidas. Nesse sentido, alguns eventos foram promovidos na praça, como uma competição chamada "Skate Livre". Realizado no mês de junho de 2013, o evento foi feito pela marca Crail Trucks (especializada na fabricação de eixos para skate), e contou com o apoio da Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação (SEME). De acordo com a promotora da competição,

O intuito do evento Skate Livre é conscientizar o skatista da importância de conviver pacificamente nos espaços públicos da cidade de SP, além de ressaltar a necessidade de possuímos mais locais para a prática de skate na metrópole, evitando assim a super lotação das praças e pistas já existentes ("O que é o Skate Livre". Disponível em <http://skatelivre.com/>. Acesso em 08/01/2014).

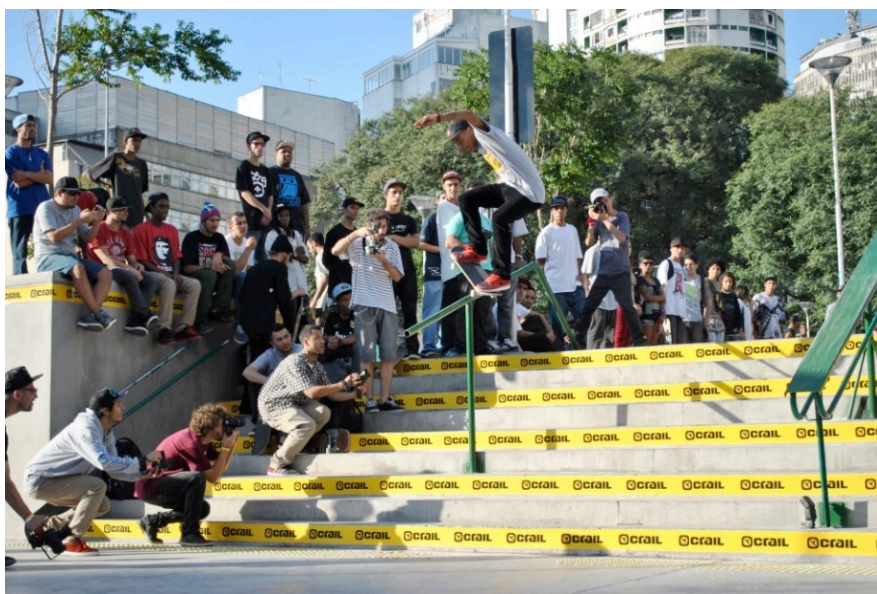
O evento reuniu skatistas de diversas partes do país, que puderam andar de skate, disputar uma competição, encontrar e fazer amigos, além de ocupar, com base em suas próprias experiências, um imponente espaço público situado na região central de São Paulo. Deste modo, através dessa competição foi possível olhar de outros ângulos para "apreciar a cidade do ponto de vista daqueles que, exatamente por causa da diversidade de seu modo de vida, se apropriam dela de forma também diferenciada" (Magnani 1993: s/p)¹⁷.

¹⁷ Disponível também em <http://www.n-a-u.org/ruasimboloessuporte.html>. Acesso em 15/01/2014.

periféria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia



Skatista realiza manobra em um corrimão da Praça Roosevelt durante o evento Skate Livre. Ano: 2013.
(foto: Giancarlo Machado)

A confusão ocorrida entre skatistas e guardas municipais tivera muitos desdobramentos. A partir de mediações com representantes do poder público, certos agentes do campo esportivo do skate posicionaram-se em prol de mais respeito e espaços para essa prática na cidade. Somente em 2013, por exemplo, foram criadas duas frentes parlamentares em defesa do skate, sendo uma em âmbito municipal e outra estadual¹⁸. Em outubro do mesmo ano também foi realizado um debate público na Praça Roosevelt que contou com a presença de Rogério Sotilli, secretário municipal de Direitos Humanos e Cidadania. Na ocasião houve uma discussão em torno do direito à cidade e da promoção da cidadania através de práticas feitas nos espaços urbanos, como o skate. Ademais, durante a Virada Esportiva de 2013, o skate foi tratado pela Secretaria de Esportes, Lazer e Recreação (SEME) como um dos principais esportes do evento, o qual ocorreu ao longo de 24 horas ininterruptas. O prefeito Fernando Haddad (PT), por sua vez, posou para fotos segurando um skate logo após a coletiva de imprensa de lançamento da Virada Esportiva.

¹⁸ O vereador Eduardo Tuma (PSDB) criou a frente parlamentar em defesa do skate em âmbito municipal, ao passo que o deputado Gilson de Souza (DEM) a criou em âmbito estadual.

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia**Considerações finais**

Em 21 de junho de cada ano comemora-se o Dia Mundial do Skate. Para celebrar tal data em 2013, os skatistas de São Paulo promoveram o Go Skateboarding Day, ação espontânea que consiste na reunião de um número máximo de praticantes, que coletivamente circulam pelas vias urbanas da cidade¹⁹. Tive a oportunidade de participar desse maior e mais expressivo *rolê* de skate do ano. A convocação fora feita através das redes sociais virtuais. O ponto de encontro seria o vão do MASP, situado na Avenida Paulista, a partir das 9 horas. Cheguei pouco antes do horário combinado e já havia centenas de skatistas, logo, não tardou para que alguém pegasse um megafone e convocasse os presentes para o início do Go Skateboarding Day. Skatistas de todas as idades, tanto homens quanto mulheres, tomaram conta de uma das principais avenidas do país. Gritando “skate!” sucessivas vezes, eles foram em direção à Rua da Consolação, obstruindo completamente o trânsito de automóveis. Após descerem a rua, a circulação prosseguiu rumo a vários espaços do Centro da cidade, como o Teatro Municipal e a Igreja da Sé. O trajeto foi finalizado na Praça Roosevelt, onde havia mais skatistas. Uma multidão se reuniu para gritar em coro várias frases de efeito, como “a Praça Roosevelt é do skate”; “a rua é nós” ou “meu skate não polui”.

¹⁹ O evento ocorreu no dia 23 de junho de 2013.

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia



Skatistas na Praça Roosevelt durante o Go Skateboarding Day. Ano: 2013. (foto: Giancarlo Machado)

O Go Skateboarding Day foi um importante momento para os skatistas, pois, em tal circunstância, eles se aglomeraram e ganharam visibilidade para reivindicar o “direito à cidade” (Lefebvre, 2001)²⁰. E não só isso. Encerrar o *rolê* na Praça Roosevelt foi um modo de afirmar que, embora seja uma *mancha* de lazer que comporta várias práticas distintas, ela se constitui como um *pedaço* dos skatistas em São Paulo. No entanto, a continuidade desse *pedaço*, o qual se insere em um espaço fixo, está a todo instante sendo posta em xeque por uma série de relações conflituosas. Além de estabelecerem uma dinâmica relacional marcada por *proximidades* e *distâncias* (Simmel 1983) com outros frequentadores da praça, os skatistas, em busca da manutenção desse *pedaço*, também têm que lidar com múltiplos agentes – como guardas municipais, policiais, moradores do entorno, representantes do poder público, associações comerciais, etc. – que tentam impor usos oficiais ao local em questão. Mas, como fora demonstrado, tais usos oficiais nem sempre se impõem aos usos citadinos. No caso do skate, por exemplo, os skatistas recorrem a várias *táticas* que atualizam, deslocam e inventam um conjunto de possibilidades de usos dos espaços urbanos através de suas próprias

²⁰ Para Lefebvre (2001: 134), o direito à cidade “se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar”. Tal autor, ao investigar a produção social do espaço, ressalta ainda o direito de criação e de apropriação a partir das experiências dos cidadãos.

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

lógicas²¹. Nesse sentido, assim como “a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (De Certeau 2009: 184), um equipamento urbano pode ser transformado em *pico* pelos praticantes do skate.

Ao entrevistar Alexandre “Cotinz”, skatista amador cuja frequência é regular na praça, perguntei a ele qual a impressão tida sobre a sua reforma. Ele questionou: “você quer saber [a minha impressão] como skatista ou como cidadão?”. “As duas impressões”, afirmei. “Cotinz” então respondeu que:

Como uma pessoa que vive na cidade de São Paulo, eu achei uma bosta. Um pedaço de merda no meio da cidade. A gente vive em São Paulo e os caras lançam um “cocoção” de concreto. A grama você não pisa. Tem uma “merdona” de concreto, uns bancos... Você encosta num banco para ver outro banco, tá ligado? Você encosta num banco para ver um chão liso, tá ligado? Mas tudo isso para um skatista é maravilhoso! *No final das contas eu sou mais skatista, né! O meu skatismo sobrepõe a minha cidadania* (Alexandre “Cotinz”. Entrevista em 29/11/2013. Grifos meus).

As falas desse skatista apresentam diferentes perspectivas sobre as apropriações de um espaço público. Através das mesmas é possível articular com certos pressupostos de Isaac Joseph (2005: 96), que salienta que o cidadão não se reduz à figura do transeunte, tampouco coincide obrigatoriamente com a do cidadão. Partindo do ponto de vista desse autor, e levando em conta a etnografia que fora descrita, é válida a conclusão de que as práticas cidadinas, como a do skate, incorporam as práticas de cidadania no contexto urbano. Neste artigo foram apresentados alguns “usos dissonantes dos espaços, não como manifestações de ‘desordem’, mas como formas singulares de apropriação cotidiana e pública de certos espaços” (Leite 2006: 23)²². Desta forma, ao dar visibilidade à prática do skate no âmbito da Praça Roosevelt, tentou-se “introduzir outros pontos de vista

²¹ De Certeau (2009: 45) mostra ainda que certos usos comuns de determinados bens e espaços são perpassados por modos próprios de utilização por parte dos cidadãos, os quais se dão entre as representações que as instituições buscam impor (o que o autor define como *estratégias*) e as maneiras através dos quais estes controlam suas próprias vidas (o que pode ser definido como *táticas*).

²² Outra reflexão aprofundada sobre as apropriações e os *usos insolentes* dos espaços públicos em diferentes contextos pode ser encontrada em Delgado (2008).

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

sobre a dinâmica da cidade, para além do 'olhar competente', que decide o que é certo e errado" (Magnani 2012: 258).

Bibliografia

Agier, Michel (2011). *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.

De Certeau, Michel (2009). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 16º ed.

Delgado, Manuel (2008). "Apropiaciones inapropiadas: usos insolentes del espacio público em Barcelona". In: Peran, Marti. *Post-it city: ciudades ocasionales*. Barcelona: CCCB. Disponível em: <http://www.ciutatsocasionals.net/textos/textosprincipalcas/delgado.htm>.

Duhau, Emilio; Giglia, Ángela (2004). "Conflictos por el espacio y orden urbano". In: *Estudios Demográficos y Urbanos*. México: El Colegio de México, maio-agosto, número 56, pp.257-288.

Frúgoli Jr., Heitor (1995). *São Paulo: espaços públicos e interação social*. São Paulo: Ed. Marco Zero.

____ (2000). *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez/Edusp.

Joseph, Isaac (2005 [1998]). "A respeito do bom uso da Escola de Chicago". In: Valladares, Lícia do Prado (org.). *A Escola de Chicago: impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Ed. UFMG/IUPERJ, pp. 93-128.

Lefebvre, Henri (2001). *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro.

Leite, Rogério Proença (2006). "Margens do dissenso: espaço, poder e enobrecimento urbano". In: Frúgoli Jr., Heitor; Andrade, Luciana Teixeira de; Peixoto, Fernanda Áreas (orgs.). *As cidades e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte: PUC Minas/Edusp, pp. 23-44.

Machado, Giancarlo Marques Carraro (2014). *De "carrinho" pela cidade: a prática*

periféria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

do skate em São Paulo. São Paulo: Intermeios.

Magnani, José Guilherme C. *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana*. Disponível em <http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html>. Acesso em 20 de dezembro de 2009.

_____. (2000). "Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole". In: Magnani, José Guilherme C.; Torres, Lílian de Lucca (orgs.). *Na metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Edusp.

_____. (2002). "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol.17, nº 49, pp. 11-29.

_____. (2012). *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisas em Antropologia Urbana*. São Paulo: Terceiro Nome.

Palma, Daniela (2010). *A praça dos sentidos: comunicação, imaginário social e espaço público*. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação. Escola de Comunicações e Artes da USP, São Paulo.

Simmel, Georg (1983 [1908]). "O estrangeiro". In: Moraes, Evaristo (org.). *Sociologia: Simmel*. São Paulo: Ática.

Yamashita, Kelly Yumi (2013). *Praça Roosevelt, centro de São Paulo: intervenções urbanas e práticas culturais contemporâneas*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP, São Paulo.

Matérias de imprensa

Azevedo, Reinaldo. "Fascistas de skate". *Blog Reinaldo Azevedo*. Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/fascistas-de-skate/>. Acesso em 08/01/2014.

Lemos, Junior. "Pra não queimar o pico". *Revista Tribo Skate*, n.208, 2013, p.36.

Nanô, Fabiana. "Após confusão em praça de São Paulo, prefeitura promete área específica para skatistas". *Notícias UOL*. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/01/08/apos-confusao->

perifèria

Número 19 (1), Juny 2014

revistes.uab.cat/periferia

na-praca-roosevelt-prefeitura-promete-area-especifica-para-skatistas.htm. Acesso em 10/01/2014.

Neto, Otavio. "O caso Roosevelt, pimenta nos olhos dos outros é refresco". *Blog Otavio Neto*. Disponível em http://www.espn.com.br/post/302549_o-caso-roosevelt-pimenta-nos-olhos-dos-outros-e-refresco. Acesso em 08/01/2014.

Revista São Paulo. "Uma praça para todos". *Revista da Folha de SP*, 2013.

Revista Veja. "Estilos e gestos". São Paulo, edição publicada em 14 de novembro de 1985.

Skate Livre. "O que é o Skate Livre". Disponível em <http://skatelivre.com/>. Acesso em 08/01/2014.

Viegas, Marcelo. "Nova Roosevelt". *Revista CemporcentoSkate*, 2013, n. 47, ano 18.